

FACULDADES INTEGRADAS FAFIBE

CURSO DE LETRAS

EDSON APARECIDO LUGUESI

JOSE HENRIQUE GOMES

LITERATURA E MÚSICA: UM DIÁLOGO POSSÍVEL

BEBEDOURO - SÃO PAULO.
2009

EDSON APARECIDO LUGUESI
JOSE HENRIQUE GOMES

LITERATURA E MÚSICA: UM DIÁLOGO POSSÍVEL

Trabalho de Conclusão de Curso (monografia) apresentado às Faculdades Integradas Fafibe como requisito parcial para obtenção do grau de licenciado em Letras (Inglês/Espanhol e suas respectivas literaturas).

Orientadora: Prof^a. Ms. Mariângela Alonso
Co-orientador: Prof. Dr. Rinaldo Guariglia

BEBEDOURO – SÃO PAULO.
2009

Luguesi, Edson Aparecido; Gomes, Jose Henrique.
Literatura e música: Um diálogo possível / Edson
Aparecido Luguesi, Jose Henrique Gomes. – Bebedouro:
Fafibe, 2009.
43 f.; 29,7 cm

Trabalho de conclusão de Curso (Graduação)-
Faculdades Integradas Fafibe, 2009.
Bibliografia: f. 39-40p.

1. Música. Intertextualidade. 3. Literatura
1. Título.

EDSON APARECIDO LUGUESI

JOSE HENRIQUE GOMES

LITERATURA E MÚSICA: UM DIÁLOGO POSSÍVEL

Trabalho de Conclusão de Curso (monografia) apresentado às Faculdades Integradas Fafibe como requisito parcial para obtenção do grau de licenciado em Letras (Inglês e Espanhol e suas respectivas literaturas).

Orientadora: Prof^a. Ms. Mariângela Alonso

Co-orientador: Prof. Dr. Rinaldo Guariglia

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Co-orientador: Prof. Dr. Rinaldo Guariglia
Faculdades Integradas Fafibe – Bebedouro-SP

Orientadora: Prof^a. Ms. Mariângela Alonso
Faculdades Integradas Fafibe – Bebedouro-SP.

Dedicatória de Edson Aparecido Luguesi

Dedico este trabalho a minha esposa Nicole e aos meus filhos Brendon e Ethan, pois foram eles quem me apoiaram nas dificuldades e me proporcionaram condições favoráveis para a realização deste trabalho monográfico assim como a conclusão deste curso.

Dedicatória de José Henrique Gomes

Dedico este trabalho a todos os meus familiares e amigos que sempre me apoiaram na difícil caminhada do Ensino Superior.

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos de Edson Aparecido Luguesi

A todos os professores, especificamente ao professor Dr. Rinaldo Guariglia e a professora Ms. Mariângela Alonso pela compreensão, dedicação e atenção que me proporcionaram no decorrer do curso e durante a elaboração desse trabalho de pesquisa.

Ao companheiro de estudo José Henrique Gomes que diretamente contribuiu para a realização desse trabalho.

Enfim, agradeço a todos que direta ou indiretamente contribuíram para a realização desse trabalho.

Agradecimentos de José Henrique Gomes

Agradeço a todos os professores que passaram pelo curso de Licenciatura em Letras das Faculdades Integradas FAFIBE de Bebedouro-SP no decorrer dos anos entre 2007 e 2009, certamente todos contribuíram significativamente para o sucesso de minha formação.

“A criança que não sabe cantar não está totalmente alfabetizada, pois a música faz parte de todo nosso cotidiano”.

(Villa-Lobos)

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo resgatar o poder de sedução da literatura no ambiente escolar, a fim de contribuir para a formação do leitor em geral através de uma possível estratégia metodológica, que visa reaproximar o aluno do ensino de literatura por meio da integração e da relação dialógica da música com os textos literários.

A reflexão Bakhtiniana será tomada como suporte para o estudo da inter-relação dialogizada com o intuito de mostrar a importância dessa fusão entre diferentes textos, na qual uma linguagem explica ou dialoga com a outra que é de suma importância para o desenvolvimento criativo do aluno.

As reflexões de Zilberman e Bordini serão tomadas como suporte teórico para discutir alguns aspectos relacionados ao ensino dessa disciplina: a visão e a abordagem do conteúdo pelo professor em relação à disciplina; a responsabilidade institucional em formar cidadãos críticos; a inserção da literatura na disciplina de língua portuguesa; a metodologia vigente empregada pelos professores e a apresentação do conteúdo literário nos materiais didáticos, os quais acreditamos influenciar diretamente no aprendizado do aluno.

A música, que será objeto de estudo intertextual no diálogo com a obra literária na tentativa de recuperar a força mágica que o texto literário pode proporcionar, terá como suporte teórico as considerações de Tatit, Brescia, Gainza, nas quais são enfatizadas a importância e a presença central dessa arte nas diversas atividades coletivas. Neste sentido, será apresentada uma proposta de trabalho com literatura partindo da dialogização com a música, não apenas como leitura de textos que remetem a outros textos, mas como processo de comunicação, de ação intertextual.

O corpus de pesquisa compreende leituras de grandes teóricos no assunto e questionários que trazem reflexões e opiniões de professores e alunos quanto ao tema em discussão.

Palavras-chave: Literatura. Intertextualidade. Música. Incentivo.

ABSTRACT

The objective of this paper is to present literature in a dynamic way that will capture the interest of students who have lost motivation with respect to the study of literature in the school environment. This will be accomplished by using a possible strategic methodology that will draw the student closer to the literature text through the integration and relational dialogue of music and literature texts.

Bakhtinian point of view is used as a basis to support this research regarding the topic of inter-relational dialogue. In this, he demonstrates the importance of the fusion among different texts, in which the language explains or relates to the other piece of work that has great importance for the creative development of the student.

Throughout this research, points of views from others scholars such as Zilberman and Bordini will be used to support the topics discussing the aspects that we believe directly influence the students desire to learn such as: the point of view and approach of the context of the teacher, the responsibilities of the educational institution to form critical thinkers, the insertion of literature in the Portuguese language discipline, the current methodology and the presentation of the literature context.

The music that will be the object of the intertextual study with the literary work will have the support of the scholars Tatit, Brescia and Gainza. Their emphases show the importance and the central presence of this art in the diverse collective activities. With this notion, a literary work will be presented starting from dialogues with music, not only as a simple reading of the text that relates to the other texts but as a communication process of an inter-textual action.

The corpus of this research contains scholars texts concerning the subject and questionnaires that bring reflections and opinions of teachers and students regarding the theme of the discussion.

Keywords: Literature. Intertextuality. Music. Motivation.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 A INTERTEXTUALIDADE E SUA IMPORTANCIA NO AMBIENTE ESCOLAR ...	13
1.1 O ensino a partir da intertextualidade	13
1.2 Proposta de possibilidade de trabalho	15
1.3 Da metodologia ao desinteresse do aluno pelos clássicos literários	18
1.4 A importância da música e o ensino de literatura	20
1.5 Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs	22
1.6 Proposta Curricular do Estado de São Paulo para o ensino de literatura	24
2 DOS OBJETOS DE ESTUDOS À SUAS RELAÇÕES DIALÓGICAS	26
2.1 Síntese da obra Dom Quixote de Miguel de Cervantes.....	26
2.2 Letra da música "Nos olhos de Guernica" da banda "Dance of days"	28
2.3 O diálogo intertextual entre a obra literária e a música	30
2.4 Aplicação de Método e Resultados	33
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS	39
ANEXOS	41
Anexo A – Amostra de entrevistas realizadas com professores do ensino médio.....	42
Anexo B – Amostra de entrevistas realizadas com alunos do ensino médio	43

INTRODUÇÃO

Esse estudo partiu do pressuposto de que embora a prática do ensino da literatura seja assunto sobre o qual vários teóricos venham a muito discutindo, esta não atingiu ainda um estado ideal, deixando transparecer a necessidade de se criarem novas técnicas para o ensino dessa disciplina.

Partindo desse pressuposto, este trabalho examina a possibilidade de desenvolver uma estratégia metodológica a fim de transpor as barreiras entre o conteúdo clássico literário e o aluno por meio da inter-relação com a música, de forma intertextual, criativa e descontraída.

No primeiro capítulo, abordaremos o embasamento teórico da pesquisa no qual constam reflexões Bakhtinianas quanto à inter-relação dialogizada entre diferentes textos. Será também apresentada uma proposta de trabalho intertextual envolvendo duas artes: a música e a poesia, numa relação dialógica entre o presente e o passado, de extrema relevância para o desenvolvimento criativo do aluno.

As considerações de Zilberman e Bordini são tomadas como suporte para discutir aspectos relacionados ao ensino da disciplina de literatura como a visão e a abordagem do conteúdo pelo professor em relação à disciplina; a responsabilidade institucional em formar cidadãos críticos; a inserção da literatura na disciplina de língua portuguesa; a metodologia vigente empregada pelos professores e a apresentação do conteúdo literário nos materiais didáticos e PCNs, os quais acreditamos influenciar diretamente no aprendizado do aluno.

A música, que será objeto de estudo intertextual no diálogo com a obra literária, terá como suporte teórico as reflexões de Tatit, Brescia e Gainza, nas quais são enfatizadas a importância e a presença central dessa arte em diversas atividades coletivas.

No segundo capítulo, será apresentado uma síntese da narrativa literária “Dom Quixote”, do autor espanhol Miguel de Cervantes assim como a exposição da letra da música “Nos olhos de Guernica” (Um Breve Verão em La La Mancha), da banda paulistana “Dance of Days”, as quais servirão como objetos de análise desse estudo, que será aplicado aos alunos do primeiro ano do ensino médio.

O terceiro capítulo trará considerações finais a cerca do que foi constatado em relação à metodologia intertextual aplicada aos alunos.

O corpus desse estudo se dará por meio de constatações em campus, as quais serão adquiridas por meio de convivência em estágios supervisionados e atuações profissionais dos envolvidos neste trabalho. Serão realizadas entrevistas com professores e alunos de literatura do ensino-médio em escolas de Bebedouro-SP, Brasil com o objetivo de coletar informações quanto à metodologia e a abordagem empregada no ensino da disciplina.

Após essa coleta, será desenvolvida uma aula teste com os alunos do 1º ano do ensino médio, objetivando a reflexão com o texto clássico de Cervantes e a sua relação intertextual com a letra da música “Nos olhos de Guernica” (Um Curto Verão em La Mancha) da banda “Dance of Days”, proporcionando assim uma relação entre a obra literária de 1877 e a música contemporânea. Como conclusão da aula teste, os alunos serão convidados a responder um questionário sobre o método utilizado.

1. – A INTERTEXTUALIDADE E SUA IMPORTÂNCIA NO AMBIENTE ESCOLAR

1.1 – O Ensino a Partir da Intertextualidade

A intertextualidade requer um leitor atualizado e capaz de perceber o passado em constante presença no seu cotidiano, estando sempre atento às manifestações de cultura. É importante ter claro entendimento de que um texto cita outro para enfatizar, contradizer, polemizar o que foi dito, ou até mesmo ridicularizar. Sendo assim, nada mais propício que tomarmos a leitura do texto literário como exemplo, pois é a partir dela que o aluno conseguirá produzir os seus próprios textos e relacioná-los com outros textos. Segundo Kock (1998, p.46), “[...] todo texto é um objeto heterogêneo, que revela uma relação radical de seu interior com seu exterior”, e a partir disso, fazer parte em outros textos, que lhe permita transferir os conhecimentos históricos para um novo texto.

No decorrer de uma leitura literária, é possível encontrar personagens, partes da história, cenas e diálogos que nos parecem ser familiar, com isso, a nossa memória e afetos nos remetem aos textos já conhecidos que a leitura atual nos faz lembrar. A relação entre o texto que estamos lendo, com os já conhecidos, os teóricos chamam de intertextualidade, ou seja, um texto nos leva a outros textos (Kristeva, 1969, Perrone Moisés, 1978, Walty, 1996, Savioli e Fiorim, 1998).

Esta consideração nos leva a concordar com Walty ao afirmar que a intertextualidade:

É uma dessas chaves que nos permitem penetrar no texto, à medida que faz dialogar um texto com outros textos, da mesma época ou de épocas diferentes, de um mesmo espaço ou de espaços diferentes. Assim, a leitura não perde seu caráter dinâmico, mantendo-se um processo em que texto, intertexto e contexto não se isolam. (WALTY, 1996, p. 30)

Nenhum texto é autônomo, ele se caracteriza por ser um “momento” cujo início e o fim podem ser escolhidos e direcionados. Como objeto cultural, o texto possui sua existência física que pode ainda ser aumentada e delimitada através de um filme, um romance, um anúncio, uma música, entre tantas outras manifestações comunicativas dos seres humanos. Por não serem objetos ainda prontos, os textos necessitam e destinam-se ao olhar, a consciência e a recriação dos leitores através do jogo de olhares entre o texto e seu destinatário para criar uma significação. Todo

texto é um objeto heterogêneo, seu nível de abrangência pode se dar em sentido amplo ou restrito.(Koch 1998, p. 46). Nessa pesquisa e trabalho, nos ateremos ao nível de abrangência da intertextualidade em sentido restrito, ou seja, na relação desse texto com outros textos previamente existentes, tanto na produção como na recepção da grande rede cultural, de que todos participam. Filmes que retomam filmes, quadros que dialogam com outros, propagandas que se utilizam do discurso artístico, poemas escritos com versos alheios, romances que se apropriam de formas musicais, tudo isso são textos em diálogo com outros textos: intertextualidade.

Observando os procedimentos de criação da linguagem no texto, além dos diálogos puros, são destacados a “inter-relação dialogizada e a hibridização”, (Bakhtin, 1979 p.108). Essa hibridização dialogizada, é apontada como sistema de fusão, que busca esclarecer uma linguagem com a ajuda de outra linguagem e, dessa forma, construir uma imagem viva desta outra linguagem. Segundo ainda Bakhtin, quanto mais ampla e profundamente se aplicar no texto o procedimento da hibridização, com várias linguagens, e não apenas uma, tanto mais objetiva se torna a própria língua.

Bakhtin, também destaca a paródia como uma construção dialógica muito especial em que o discurso que representa estabelece uma relação de desmascaramento em relação ao discurso representado. Entre a estilização e a paródia, encontram-se as mais variadas formas de linguagens determinadas por inter-relações, desejos verbais e discursivos que se encontram nos enunciados.

Na literatura, é possível verificar a intertextualidade no decorrer do tempo. Além da estética partilhada pelas diferentes escolas literárias, os temas comuns, são também frutos de idéias e concepções de uma época. Assim, tanto é possível encontrar temas universais comuns na literatura com tratamentos diferentes determinado pelo ideário da época, como temas muito particulares em certos momentos da história da literatura determinados por este mesmo ideário. Estudar essas linhas comuns presentes nas diversas escolas literárias é reconhecer uma intertextualidade latente e expressa na superfície do texto, além desses textos se relacionarem com outros em âmbitos diferentes do literário como: a música; o teatro e o cinema.

Trabalhar com a intertextualidade pode possibilitar ao leitor atribuir sentido ao texto, pois o aluno pode se identificar com obras distintas, mas que mantém um

diálogo mesmo que seja de forma implícita, constitui-se também um desafio para os alunos avançarem nas relações que este recurso possibilita. Caberá ao aluno, decifrar esse diálogo através de sua bagagem cultural, o que contribuirá para seu engrandecimento intelectual, além de comprovar a entrada desse leitor no âmbito literário através de um texto considerado não-literário.

1.2 - Proposta de possibilidade de trabalho.

Segundo Paulino, (1995 p.20) “a literatura está inserida no jogo sócio cultural cujo campo de relação entre textos assume característica específica. Seu código verbal por ser tão extenso, impede o esgotamento de texto em si mesmo”. A partir dessa evidência, constata-se que devido às próprias mudanças nos anseios dos homens no decorrer do tempo, sempre haverá a possibilidade de surgirem outras obras que se relacionem intertextualmente entre si, e com isso novas visões de um mesmo texto poderão surgir. Um exemplo a ser citado dentre muitos é a “Canção do Exílio”, de Gonçalves Dias, escrita em 1843. Quase um século depois, Oswald de Andrade escreve uma versão da Canção do Exílio intitulada “Canto de regresso à Pátria”. Cada trabalho é projetado em contextos sócio-culturais e históricos particulares, criando um novo paradigma.

Nessa perspectiva, Sant’Anna nos afirma que:

Falar de paródia é falar de intertextualidade das diferenças, levando-nos a compreensão desse recurso literário como uma forma de inverter ou ampliar o sentido de um texto matriz, anunciando o novo, o diferente, criando um novo paradigma, um novo discurso, que se constrói numa relação dialógica com os textos que o antecedem. (SANT’ANNA, 2001 p.27-28).

Com a intertextualidade o aluno passa a refletir mais em suas produções textuais, através da possibilidade de relacionar um texto com outro, contribuindo dessa forma com o seu pensamento criativo. Exemplo disso foi possível notar durante a observação de aulas do estágio supervisionado em um trabalho com poesia e intertextualidade feito com alunos do ensino fundamental do segundo ciclo em uma escola municipal da cidade de Bebedouro - SP. O trabalho constituiu em interpretação e produção poética, foram apresentadas poesias intertextuais que se

relacionam com o contexto sócio cultural local, a fim de atingir e sensibilizar os alunos para esse gênero. Um desses trabalhos utilizou a Canção do Exílio no qual os alunos apresentaram diversas formas dessa poesia, e no final produziram suas próprias com o mesmo intuito da original. Apresentamos duas delas, presentes no livro do município intitulado “Versos da Vida”.

MINHA CANÇÃO DO EXÍLIO

(William Alves)

Fui exilado, fui preso;
Num lugar quase desconhecido
Um lugar, no meio do mar perdido.
Aqui há flores a se abrir,
Pássaros a voar
Mas não são belos
Como os que têm lá...
Lá... No meu lugar!

Aqui estou tão sozinho
Sem ninguém pra conversar
Acho que minhas palavras secaram
Mal consigo falar!
Mas tenho um sonho de voltar...

MINHA CANÇÃO DO EXÍLIO II

(William Alves)

Nesse planeta vermelho onde eu me encontro
Não há árvores nem rios,
Nem papel para eu ficar compondo.

No meu planeta Terra
Eu tinha muita alegria
E muitas pessoas que eu conhecia
Agora estou tão sozinho, tristonho...

Só com um sonho...
Voltar para o meu lugar,
Voltar a me alegrar
Mas não vou embora daqui,
Porque não tenho equipamento,
Peço a quem está lendo
Que me ajude... E que pare o meu lamento!

Ainda no campo de trabalho com a intertextualidade realizou-se uma atividade com texto não-verbal. Tal atividade foi realizada com os alunos divididos em grupos, cada grupo abordou um tema, e de acordo com o tema eles tinham que fotografar algo que transmitisse algum sentimento do que foi proposto, e posteriormente colocaram um título em suas composições. Para um dos grupos foi proposto um tema relacionado a Canção do Exílio, eis o texto:



O texto foi intitulado “A alegria da volta para a Terra das Palmeiras”, o que constata o valor do trabalho com a intertextualidade, juntamente com o engrandecimento cultural do aluno, assim como a sua sensibilidade com relação ao contexto que ele está inserido. Ao constatarmos esses resultados, podemos afirmar que a possibilidade de eficácia do trabalho com a intertextualidade pode colaborar de forma positiva no ensino aprendizagem do aluno, tornando-o um cidadão crítico além de desenvolver nele a criatividade.

1.3 - Da metodologia ao desinteresse do aluno pelos clássicos literários.

A literatura, enquanto produto cultural e social depende do modo como é ensinada pelos professores e, por extensão, principalmente pelos livros didáticos utilizados em sala de aula. Segundo Zilberman, “de uma forma ou de outra, eles se encarregam de orientar a ação docente em sala de aula” (Brasil, 1991, p.94), que muitas vezes convertem a leitura em uma obrigação. De acordo com a necessidade da sociedade, o ensino de literatura pode seguir caminhos diferentes, um dos quais é a preparação do jovem para a entrada no ensino superior, que pode ser considerado um dos fatores positivos dessa metodologia aplicada, embora ela seja de forma mecânica.

Através de leituras dos Parâmetros Curriculares Nacionais PCNs, nota-se que a literatura que deveria ser uma disciplina isolada, encontra-se inserida na área de Língua Portuguesa, e equivocadamente tem na maioria das vezes servido apenas como apoio ao aprendizado de outras ciências o que pode ser constatado facilmente na fragmentação dos livros didáticos:

A literatura acha-se inserida na área de Língua Portuguesa. Com isso, a Literatura tem servido apenas como texto de estudo da linguagem. Essa orientação é a que predomina na maioria dos livros didáticos e na conduta de alguns professores que identificam ensino literário, como análise gramatical, estudo do estilo do ponto de vista da estilística, análise sintática ou levantamento de vocabulário. (BORDINI, 1989, p. 9)

Partindo desse pressuposto, entende-se que o esvaziamento da literatura, dá-se, além de outros aspectos, a essa estratégia desmotivadora de organização de conteúdos, como também da leitura forçada e fragmentada do texto clássico no enfoque de outras disciplinas. Tomando os exemplos acima destacados, e levando em conta considerações de vários teóricos e críticos da área, notamos que o ensino de literatura no ensino médio, além de apresentar-se fragmentado, tem se voltado para questões teóricas na tentativa de explicitar para o aluno o objeto de estudo iniciado pela sua conceituação, definição de estilo e de gênero literário, conceitos difíceis de serem assimilados pelos colegiais, e pouco atraentes para quem está começando a entrar nessa área, porque não são os da sua época. Com isso, o

aprendizado da literatura se torna ainda mais desinteressante, pois dessa forma, reforça o sentimento negativo a respeito da disciplina, ou seja, de que a leitura de clássicos literários é feita para a escola e não para si mesmo.

Não tendo sido educados para compreender os atos de leituras como momentos que, de fato, lhes acrescentam saberes, que possibilitam transformações e evoluções intelectuais e psicológicas, os “leitores” encontram no livro o peso da imposição, da obrigação e, por isso, sentem que estão fazendo um favor ao professor que não indica, mas cobra a leitura; e, ao fazê-lo, exigem a reprodução de elementos do enredo, reforçando a idéia de que os livros são chatos, difíceis e que não têm nada a ver, nada a ver com o que querem, necessitam, desejam ou gostam, enfim não medeiam a leitura e não tomam um dos caminhos possíveis para a transformação dessa visão de leitura. (MARTINS, 1999 p. 86)

Em decorrência dessa metodologia e organização de conteúdos citadas acima, acreditamos que o estudo da literatura torna-se uma atividade desmotivadora ao invés de prazerosa. É preciso passar o entendimento de que a literatura é uma arte como a música, a pintura e que pertence ao domínio da comunicação social, por isso, é necessário desenvolvermos no mundo jovem, uma concepção diferente da vivida até então e usar novas estratégias para reaproximá-lo a essa arte. A leitura literária deve proporcionar condições para que, além de decorar termos e adornar outras ciências, o aluno seja incentivado a criar ou recriar discursos em diferentes modalidades. Interpretar uma obra literária significa compreender a força comunicativa dos elementos linguísticos contextualizados, a fim de reconhecer, distinguir ou estabelecer relações entre proposições apresentadas e, principalmente, para assimilar sentidos, buscando a significação de um dado texto.

Buscar metodologias que possibilitem um intercâmbio entre o estudo do texto literário em conjunto com a música, além de outros, objetivando a aproximação do texto literário a realidade do aluno, é de fundamental importância para motivar os novos leitores. Pois se os textos literários têm uma relação diferente com a realidade, o aluno/leitor deve aprender com o professor a recriar esta realidade utilizando evidências dos textos, relacionando-as com outras artes, utilizando evidências do texto e de seu próprio conhecimento de mundo.

O foco na literatura como discurso pode também resultar em importante contribuição ao ensino e aprendizagem da língua, e ajudar o aluno a apreciar mais intensamente a literatura como ficção. Portanto, é necessário pensar novas estratégias de interação entre as pessoas envolvidas com a escola, os alunos, os

manuais didáticos e o programa, levando a estabelecer novas relações entre teoria e prática, entre professores e alunos, priorizando o papel do leitor na recepção, através da contextualização na compreensão, interpretação e aplicação.

1.4 - A importância da música e o ensino de literatura

Através do entrelaçamento de linguagens, a música com todo o seu poder de associação de imagens narrativas, cria a possibilidade de remeter o nosso olhar para diversas direções. Além de ser um meio de comunicação acessível a todos, a música também pode servir como intermediária na aprendizagem, facilitando a transposição das barreiras dos conteúdos clássicos de literatura, que por serem muitas vezes estáticos, tem vetado o poder de criação no espaço escolar. “[...] a música pode melhorar o desempenho e a concentração, além de ter impacto positivo no aprendizado de matemática e leitura”. (BRÉSCIA, 2002, p.60). A música relaciona-se com outras áreas-chaves da educação e formação da humanidade, como por exemplo, a Matemática; Ciência; Atividade Física; Atividade Social; Arte/Tecnologia e Linguagem, tendo sido veículo de importantes permutas culturais, e suporte essencial de tantas outras artes como a poesia, a dança, o teatro, o cinema, etc. A música sempre teve um lugar, às vezes mesmo um papel central, em nosso cotidiano. Os habitantes da Mesopotâmia acreditavam que os intervalos musicais eram o espelho da harmonia do Universo, e podemos supor que a música fosse estudada conjuntamente com a astronomia e a matemática nos seus templos. Para os gregos, a música significava cultura intelectual em geral, incluindo a literatura e a arte, para além da música no sentido moderno; a música (cultura do espírito) e a ginástica (cultura do corpo) eram os dois principais ramos da educação, e também dois dos principais atributos dos deuses gregos.

Na Idade Média, a Igreja monopolizou a educação: a principal utilidade do treino musical era então a de garantir a entoação correta do cantochão. As primeiras *scholae cantorum* surgiram no início da Idade Média, e continuaram a ter um papel crucial na educação musical europeia durante muitos séculos. A velha associação da teoria musical com a matemática e a astronomia foi mantida nos currículos universitários medievais e renascentistas, cujas matérias se dividiam em dois

grupos: o *quadrivium* (geometria, aritmética, música e astronomia) e o *trivium* (gramática, dialética e retórica). Durante a Renascença, a capacidade de tocar um instrumento ou cantar era socialmente indispensável, e qualquer artista ou pensador tinha conhecimentos de teoria musical.

As igrejas protestantes que surgiram a partir da reforma do século XVI realçaram a importância da música na educação. Esta realidade é dominante no caso da igreja luterana. Martinho Lutero, ele próprio aludista e compositor, contribuiu em larga medida para o estabelecimento de uma tradição duradoura de educação musical na Alemanha. Partindo desse pressuposto, e levando em conta o ensinamento que a história e a atualidade nos oferecem, propomos a inserção da música nas aulas de literatura com o intuito de relacioná-la, de forma intertextual aos clássicos literários, que seria de profunda importância ao ensino aprendizagem dos alunos, devido à proximidade do gênero com sua realidade, assim como a facilidade de identificação da mesma pela maioria. Durante várias décadas a música tem servido como veículo de comunicação, seja para mostrar aspectos culturais, ou problemas sociais vividos por uma sociedade, que através dela, expõem suas insatisfações do período. “A música e o som, enquanto energia, estimulam o movimento interno e externo no homem, impulsionam-no a ação e promovem nele uma multiplicidade de condutas de diferentes qualidade e grau”. (GAINZA, 1988, p.22).

Em 1930, enquanto Getulio Vargas tomava posse com o apoio da burguesia e de militares ligados ao tenentismo, grandes mudanças ocorriam no país, desencadeando o crescimento das zonas urbanas, da industrialização e da burguesia, em detrimento do governo oligárquico da Republica Velha, o qual privilegiava os grandes proprietários de terras. Nesse ano, vários autores, poetas e compositores como Noel Rosa, Jorge Amado, Dorival Caymmi entre outros, usaram a música como veículo de massa para exprimir suas criticas explícitas a pobreza do país. Aquarela do Brasil surgiu em 1939, inaugurando o novo samba de Ary Barroso, em época de censura e repressão devido à ditadura de Vargas. “Na década de 40, as composições de Gonzaguinha acrescentaram à canção elementos típicos de sua região, favorecendo a valorização do tema regional e da melodia rural.” (TATIT, 2002, p. 148).

Já no século XX, as contradições e crises sociais embarcaram a literatura e a canção, tornando-se estas partes do nosso legado histórico. A música expandiu-se

a partir daí ao longo dos anos devido ao desenvolvimento dos aparelhos de reprodução e gravação musical, e atualmente se encontra em diversas utilidades não só como arte, mas também como a militar, educacional ou terapêutica (musicoterapia). Além disso, tem presença central em diversas atividades coletivas, como os rituais religiosos, festas e funerais. “Assim aconteceu com a Literatura, as histórias falam através de diferentes vozes, diferentes códigos e linguagens, unificados todas na linguagem literatura”. (TATIT, 2004, p.40). Dialogando novamente com a música, com a dança, com a voz e com o corpo, a literatura recupera sua força mágica. Uma literatura bastante plural, com vários códigos e linguagens sendo operados ao mesmo tempo. Com isso, a literatura se transforma de acordo com o tempo, moldando-se de acordo com o momento histórico, produção de época, entre outros fatores.

Partindo desse breve cenário histórico cultural do Brasil, nota-se a importância da música através dos tempos para uma comunicação da sociedade em seu tempo e história vivida. Levando em conta essa importância, e pelo ensinamento que a história e a atualidade nos dão, seria um desperdício não utilizar a fusão da música, tão importante veículo de permutas culturais e suporte essencial, de tantas outras artes como estratégia de reaproximação dos alunos com a literatura.

1.5 - Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs.

Através de leitura dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), nota-se que a proposta de ensino em vigor é voltada para a interdisciplinaridade e contextualização, com o intuito de atingir seu objetivo: a aprendizagem. Devido a dinamicidade presente no uso de nossa Língua, segundo os PCNs, o ensino de Literatura, no contexto das Artes, deve-se manter com um caráter interdisciplinar, de modo a atingir o lúdico dos educandos, e inseri-los de maneira digna no contexto social.

[...] as Artes, incluindo-se a literatura, como expressão criadora e geradora de significação de uma linguagem e do uso que se faz dos seus elementos e de suas regras em outras linguagens; as atividades físicas e desportivas como domínio do corpo e como forma de expressão e comunicação. Importa ressaltar o entendimento de que as linguagens e os códigos são dinâmicos e situados no espaço e no tempo, com as implicações de caráter histórico, sociológico e antropológico que isso representa. É relevante também considerar as relações com as práticas sociais e produtivas e a inserção do aluno como cidadão em um mundo letrado e simbólico. A

produção contemporânea é essencialmente simbólica e o convívio social requer o domínio das linguagens como instrumentos de comunicação e negociação de sentidos. No mundo contemporâneo, marcado por um apelo informativo imediato, a reflexão sobre a linguagem e seus sistemas, que se mostram articulados por múltiplos códigos e sobre os processos e procedimentos comunicativos, é, mais do que uma necessidade, uma garantia de participação ativa na vida social, a cidadania desejada. (BRASIL, 1999 p 21.)

Em função de que a realidade imposta pela nova geografia do nosso planeta, a qual facilita o aluno a acessar, selecionar e processar informações permite-o descobrir novas fronteiras do conhecimento, nas quais este se revela cada vez mais integrado. Com base em nossa contemporaneidade, os Parâmetros indicam um método a ser utilizado denominado “Estética da Sensibilidade”, no qual visa sensibilizar os alunos com fatos do cotidiano. Ela estimula a criatividade, o espírito inventivo, à curiosidade pelo inusitado, a afetividade, para facilitar a constituição de identidades capazes de suportar a inquietação, conviverem com o incerto, o imprevisível e o diferente, ou seja, cria mecanismos para promover o senso crítico de nossos adolescentes, público alvo do Ensino Médio brasileiro.

O novo método proposto não procura limitar o lúdico a espaços e tempos exclusivos, mais especificamente no momento em que o educando está em sala de aula, mas sim aumentar o âmbito da aprendizagem, que rompe as barreiras do espaço meramente escolar. Isso só é possível através da cultivação do interesse que deve partir do aluno, por meio de seus anseios e gostos. Deste modo, a interdisciplinaridade e a intertextualidade têm papéis fundamentais para que o aluno consiga identificar elementos de aprendizagem fora do horário escolar, no qual consegue relacionar seus conhecimentos prévios, com os conteúdos transmitidos no ambiente escolar, tendo-se assim uma aprendizagem através do metachecimento.

De acordo com os PCNs, a aprendizagem significativa será adquirida pelo aluno através da contextualização do conhecimento:

Contextualizar o conteúdo que se quer aprendido significa, em primeiro lugar, assumir que todo conhecimento envolve uma relação entre sujeito e objeto. Na escola fundamental ou média, o conhecimento é quase sempre reproduzido das situações originais nas quais acontece sua produção. Por esta razão, quase sempre o conhecimento escolar se vale de uma transposição didática, na qual a linguagem joga papel decisivo. O tratamento contextualizado do conhecimento é o recurso que a escola tem para retirar o aluno da condição de espectador passivo. Se bem trabalhado permite que, ao longo da transposição didática, o conteúdo do ensino provoque aprendizagens significativas que mobilizem o aluno e estabeleçam entre ele e o objeto do conhecimento uma relação de reciprocidade. A contextualização evoca por isso áreas, âmbitos ou

dimensões presentes na vida pessoal, social e cultural, e mobiliza competências cognitivas já adquiridas. (BRASIL, 1999 p. 82)

1.6 - Proposta Curricular do Estado de São Paulo para o Ensino de Literatura.

A nova proposta de Língua Portuguesa e Literatura na rede oficial de ensino do Estado de São Paulo enfoca o ensino através do tratamento da variação lingüística, visando à aprendizagem do aluno através de textos, e suas relações, assim valorizando o aspecto intertextual que os rege.

A Secretaria da Educação do Estado de São Paulo estabeleceu para o ano letivo vigente a Proposta Curricular do Estado de São Paulo: Língua Portuguesa e Literatura (2009), obrigatória para a rede estadual de ensino, no intuito de “formar alunos para o mundo do conhecimento por meio da linguagem”, cujo pressuposto, é “estudar a língua considerada como uma atividade social, espaço de interação social, entre pessoas num determinado contexto de comunicação”.

Parece-nos evidente, no entanto, que tais campos de estudo preocupam-se com aspectos da realidade que surgem nos atos de fala de tal forma associados entre si que distingui-los é uma tarefa apenas teórica e, por vezes, desnecessária. Dessa forma, na maior parte das vezes, optamos por inter-relacionar tais campos de estudo em uma determinada abordagem. Assim, por exemplo, ao falarmos do gênero “poema” do campo “Gêneros Textuais”, no primeiro bimestre, parece-nos importante associar outros conteúdos, de outros campos, como a “Lusofonia e a História da Língua Portuguesa”, do campo “Linguagem e Sociedade” e a “Construção da Textualidade”, de “Conhecimentos de Linguagem”. Por sua vez, tratarmos da Lusofonia remete-nos facilmente às relações históricas entre linguagem e gramática e assim por diante. Em outras palavras, os diferentes campos de estudo devem ser trabalhados, quase sempre, interligados entre si, conduzindo a aprofundar o eixo organizador do bimestre. (SÃO PAULO, 2008 p. 59)

O fato que diz respeito à possibilidade ou não de se ensinarem ou de trabalharem com gêneros do discurso seja inegável, e de que isso marca certo avanço no cenário educativo nacional, como uma proposta de ensino de Língua Portuguesa de viés enunciativo-discursivo, em suas linhas aparece, de forma mais ou menos explícita, a tendência para a didatização ou para a escolarização dos gêneros do discurso. Isso parece não se concretizar, pois no caderno do professor, como visto na citação acima, apresenta sequências didáticas em que se pressupõe que certos gêneros do discurso sejam tematizados e trabalhados em cada nível de

ensino, a partir do enfoque de alguns exemplares de textos considerados como representantes típicos de determinado gênero ou de determinada tipologia textual, ou seja: trabalha-se com padronizações, com idealizações e, em decorrência disso, com a tendência a um ensino estereotipado, sem o conhecimento do público alvo, além de não considerar os anseios dos determinados alunos, visto que esses se diferem de região para região, e até mesmo dentro do próprio município. Essas afirmações se confrontam com discórdia em relação ao conceito de contextualização presente nos PCNs.

A proposta da Secretaria da educação do Estado de São Paulo para o ensino médio apresenta uma tabela com todos os conteúdos a serem ministrados ao longo de cada bimestre, assumindo assim um ensino modelado a estereótipos. A realidade intelectual do aluno não é valorizada, pois determinados assuntos abordados exigem, em sua maioria, conhecimentos específicos por parte dos alunos em conceitos anteriores. Um grupo de alunos que não obtém determinado conteúdo não pode prosseguir de acordo com o proposto pela Secretaria, e com isso o caderno do professor se torna desnecessário, visto que ele tem que buscar outras fontes para preencher essa lacuna e poder assim ensinar o conteúdo previamente estipulado.

Tomemos como exemplo um conteúdo proposto para o primeiro bimestre da 3ª série do Ensino Médio: “A literatura e a construção da Modernidade e do moderno”. No ensino cronológico de Literatura, o conteúdo proposto pressupõe conhecimento prévio de todas as classes literárias anteriores, se um grupo de docentes não obtiver esses conceitos, o ensino se torna vago, e o aluno não será capaz de promover a reflexão intertextual que os PCNs tanto almejam. O professor por sua vez para suprir as necessidades dos alunos, vendo-se na necessidade de retomar o conteúdo não adquirido, e por fim a proposta estadual perde sua finalidade, nada mais claro, pois a subjetividade dos conteúdos sobrepõe-se à realidade de cada ambiente escolar.

2- DOS OBJETOS DE ESTUDO ÀS SUAS RELAÇÕES DIALÓGICAS

2.1 – Síntese da obra "Dom Quixote" de Miguel de Cervantes

Pode-se afirmar que a obra de Cervantes é composta a partir da intertextualidade, pois ele visava ridicularizar as novelas de cavalaria que tinham grande notoriedade na época da composição. Consta que essa obra é o marco do idealismo sóbrio a fim de se manter o diálogo intertextual com as classes passadas, o que perdura até a atualidade, como já foi citado o exemplo das várias poesias que surgiram após a Canção do Exílio de Gonçalves Dias.

A obra consiste na história de um pequeno fidalgo que de tanto ler histórias de cavalaria, passa a acreditar piamente nos efeitos heróicos dos cavaleiros medievais e decide se tornar um cavaleiro andante. Para isso, toma posse de uma armadura enferrujada que tinha sido de seu bisavô, confecciona uma viseira de papelão e se auto-intitula Dom Quixote de La Mancha. Assim como os cavaleiros da Idade Média, ele precisava de uma dama, sua musa inspiradora, a quem ele deveria honrar, elege então uma lavradora que só conhece de vista, e a chama de Dulcinéia. Depois de tomar essas providências, monta em seu decrépito cavalo Rocinante e foge de casa em busca de aventuras.

Após um dia inteiro de caminhada sob o sol, depara com uma estalagem, que em sua mente perturbada se converte num castelo, onde pede para ser ordenado cavaleiro pelo estalajadeiro, que quase não consegue conter o riso. No dia seguinte, ao investir contra o grupo de comerciantes que vê como adversários, cai de repente e tem seu corpo atingido por pauladas. Um conhecido da aldeia encontra o cavaleiro, entre gemidos e lamentos, e o conduz novamente à sua casa. Seguindo aos conselhos do padre Tomás e do barbeiro Nicolau, a ama e a sobrinha queimam seus livros e lacram a porta da biblioteca.

Enquanto todos acreditam no sucesso da estratégia de destruição dos livros, Dom Quixote, pensando tratar-se de uma magia de algum cruel feiticeiro, resolve voltar à aventura, agora acompanhado do escudeiro Sancho Pança, um ingênuo e materialista lavrador, que aceita seguir o fidalgo pela promessa de uma ilha para governar.

As viagens se sucedem com a alucinação de quem está vivendo no tempo da cavalaria. Em suas andanças, Dom Quixote encontra moinhos de ventos que confunde com gigantes, arremete contra um dos moinhos, cujas pás, devido a um vento mais forte, lançam o cavaleiro para longe. O escudeiro socorre seu mestre, Dom Quixote não dando o braço a torcer, diz que o feiticeiro, ao notar que o cavaleiro estava vencendo, transformou os gigantes em moinhos.

Mais adiante, confundindo dois rebanhos de carneiros com exército de inimigos, avança contra os animais e mais uma vez é surrado, pelos pastores, além de ser pisoteado pelas ovelhas. No chão em meio ao estrume dos animais, ferido e desdentado, recebe do escudeiro a alcunha de “O Cavaleiro da Triste Figura”.

No desejo de combater as injustiças do mundo e homenagear sua dama, o nobre e patético personagem segue viagem enfrentando situações supostamente perigosas e sempre ridículas: imagina gigantes em rodas de águas; vê um cavaleiro de elmo dourado em um barbeiro; ajuda criminosos a fugirem, pensando estar libertando escravos. De suas desventuras, restam-lhes sempre os enganos, as surras, as pedradas e as pauladas.

À beira da estrada, o cavaleiro da triste figura e seu fiel escudeiro encontram abrigo e deparam com o padre Tomás e o barbeiro Nicolau, amigos da aldeia onde moram e que estão à sua procura. Os dois convencem Sancho a ajudá-los e acabam levando, mais uma vez, e agora enjaulado para casa. Lá, cansado doente e abatido pelos reveses e pelas surras que tinha levado, o fidalgo sossega. Até receber a visita do bacharel Sansão, que traz consigo um livro narrando às estranhas aventuras de Dom Quixote. Com a fama, o cavaleiro tem seu espírito aventureiro revigorado e mais uma vez, convencendo Sancho Pança a acompanhá-lo, parte para a estrada, ainda guiado pelo amor de Dulcinéia, e pelo desejo de vencer o perverso feiticeiro e, com ele, as injustiças do mundo.

Em Toboso, à procura de sua amada, Dom Quixote encontra três lavradoras montadas em asnos, carregando repolhos para o mercado. Sancho diz que se trata de Dulcinéia e suas damas de companhia, tentando convencer Dom Quixote. Ao se ajoelhar diante de sua sonhada dama, o cavaleiro é atingido com um repolho na cabeça. Sancho diz se tratar de um anel de esmeralda enfeitado em repolho, e Dom Quixote guarda a “prenda” na bolsa, duvidoso, todavia satisfeito.

Disfarçado em cavaleiro dos Espelhos, o baixinho Sanção desafia Dom Quixote, no intuito de levá-lo para casa e, com isso, agradar a sobrinha do fidalgo.

Mas, traído por seu cavalo, que prefere comer grama a duelar, perde o combate. Adiante, Dom Quixote encontra um duque e uma duquesa que, por já terem lido o livro com suas aventuras, resolvem se divertir à custa da dupla: disfarçado em feiticeiro Merlin, o duque inventa um suposto cavalo mágico de madeira que levaria Don Quixote até o perverso feiticeiro. Vendam o cavaleiro e o escudeiro sobre a “mágica montaria” e chacoalham o cavalinho de balanço, enquanto os dois pensam estar voando. Ao atear fogo no rabo do cavalo, recheados de fogos de artifício, o cavaleiro e o escudeiro são lançados à distância.

Seguindo viagem, com mais alguns arranhões, Dom Quixote e Sancho Pança ouvem um grito assustador, É o cavaleiro da lua cheia (na verdade, Sanção, agora mais bem preparado e decidido). Que desafia O cavaleiro da Triste Figura: quem perder o combate terá de pôr fim à sua vida de cavaleiro andante. Sanção vence o fidalgo e volta ao lar. No final da história, recuperando a razão, Dom Quixote renuncia aos romances de cavalaria e morre como um piedoso cristão.

2.2 - Letra da música "Nos olhos de Guernica" da banda "Dance of days"

“O cavaleiro errante avança
 com o coração em chamas.
 Seu escudeiro não diz uma palavra.
 Os gigantes de pedra aguardam
 jogando cartas.
 - Avante!
 - Avante!
 - Estou aqui pra lutar!

Sprays na parede dão a nova ordem.
 Garrafas acesas de ódio e napalm
 queimam as flores de Vandr  no jardim.

Dulcinéia, oh doce princesa,
 me perdoa por perder a vida
 em luta com dragões no mar.
 Me desculpa por bater os braços

e afundar ao ver que nunca soube nadar.

Ya Basta!

O verão acabou
quando Durruti ficou sem munição
e Guernica tornou-se a maldição
que nem mesmo Che soube como controlar.

E quem vai pagar
agora que teu olhar só mira ao céu
e teus lábios são tão frios criança...

Então escalei tanques em Pequim
e ainda assim não pude ver
se você estava ali na multidão.
Li todos versos de Brecht
e não encontrei mensagens e recados
pra fugir outra vez
ao quarto onde o grande irmão
não pode nos ouvir e
nada mais importa, só você aqui
enquanto a primavera arde
por toda Paris.

São portões fechados
que não te deixam entrar.
Teus irmãos te trancaram pra fora
e agora também jogam
cartas com o diabo.
E, você sabe,
a noite os lobos saem pra jantar...

O monitor acende o nome,
os jornais tem a sua foto
e os intelectuais romantizam
sobre dias que nunca verão.
Os comitês votaram outro protesto,

os estudantes voltaram,
o feriado acabou
e seu corpo ficou esquecido ao chão.”

2.3 - O diálogo intertextual entre a obra e a música

Ao lermos Dom Quixote, devemos procurar compreendê-lo em sua dimensão interventora de sátira a um tempo e a um gênero literário. Essa obra marca a maturidade intelectual de Cervantes, pois não é uma simples sátira para uma classe literária anterior, marca de forma implícita a decadência do povo espanhol na época das conquistas do ouro.

Pode-se afirmar que a obra de Cervantes é composta a partir da intertextualidade, pois ele visava ridicularizar as novelas de cavalaria que tinham grande notoriedade na época da composição. Consta que essa obra é o marco do idealismo sóbrio, a fim de se manter o diálogo intertextual com as classes passadas, o que perdura até a atualidade, como já foi citado o exemplo das várias poesias que surgiram após a Canção do Exílio de Gonçalves Dias.

Essa obra, ao decorrer dos anos, e até mesmo na atualidade, é fruto de intertextualidade, várias obras foram produzidas a partir dela, uma delas é uma música da banda paulistana Dance of Days, fundada em 1996, pelo compositor, escritor e vocalista Fábio Altro, que carrega o apelido de “Nenê Altro”. No ano de 2001 ele compôs uma música intitulada “Nos Olhos de Guernica (Um Curto Verão em La Mancha)”, que tem uma carga intertextual imensa com vários acontecimentos históricos, e o mais marcante é a sua ligação com a obra de Cervantes, que vai ser objeto de interpretação ao longo do trabalho.

Nota-se que a letra traz, possivelmente, um “eu” caracterizado como Dom Quixote. Em conversa com Fábio “Nenê” Altro, autor da música, em um conhecido site de relacionamento ele fez esse determinado comentário com relação ao conteúdo de sua obra:

"A idéia do cavaleiro errante (Dom Quixote) avançando com o coração em chamas, é a de um guerrilheiro idealista. A música trata sobre ideologias e decepções, sobre o que é realmente valioso: a vida do personagem ou sua ideologia e morte esquecido ao chão?"

Temos várias citações nessa música: de Geraldo Vandré e seu Só Pra Dizer Que Eu Não Falei Das Flores, que foi torturado até a exaustão pelo regime militar brasileiro, até Buenaventura Durruti perdendo a guerra civil espanhola por traições ideológicas e, literalmente, falta de munição"(ALTRO).

A música traz dois momentos em seu conteúdo, o primeiro que se pode afirmar fazer alusão ao próprio personagem da obra de Cervantes, e suas atitudes consideradas como “errantes” guiadas pelo seu idealismo heróico e pela influência dos clássicos cavaleiros, como pode ser percebido na primeira e terceira estrofes da música.

O cavaleiro errante avança
com o coração em chamas.
Seu escudeiro não diz uma palavra.
Os gigantes de pedra aguardam
jogando cartas.
- Avante!
- Avante!
- Estou aqui pra lutar!

Dulcinéia, oh doce princesa,
me perdoa por perder a vida
em luta com dragões no mar.
Me desculpa por bater os braços
e afundar ao ver que nunca soube nadar.

O segundo momento é o qual se traz as atitudes quixotescas ao mundo contemporâneo, possibilitando uma relação mais específica à algumas guerras como o massacre da pequena cidade Basca de Guernica e o período da ditadura brasileira que aconteceram no mundo, as quais foram consideradas em vão ou de uma covardia e crueldade exagerada por historiadores.

Sprays na parede dão a nova ordem.
Garrafas acesas de ódio e napalm
queimam as flores de Vandré no jardim.

É de conhecimento geral, que na época de nossa ditadura, os protestos contra o governo se davam através de pichações em lugares públicos. Ao explicitar que “Sprays na parede dão a nova ordem” podemos afirmar que a intenção disso é comparar as ações dos heróis da ditadura com ações quixotescas, devido à ideologia presente nessas ações de protesto e a sua ineficácia perante o poder exercido pelo sistema aos brasileiros da época, e com isso a repulsa dos “homens

da ditadura” contra esses heróis, marcada pela metáfora “Garrafas acesas de ódio e napalm”, exercia o poder de terminar com toda sua ideologia heróica “queimam as flores de Vandr  no jardim”, tal compara o relaciona-se a música considerada hino contra a ditadura: Só Pra dizer que Eu não Falei das Flores, do compositor Geraldo Vandr .

Perdido a batalha ideológica devido   superioridade dos adversários,   possível afirmar que acontece com o “eu” presente na música, o mesmo que acontece com Dom Quixote no episdio no qual ele   levado para casa enjaulado, e sua biblioteca   incendiada para evitar inspira es para novas conquistas. Tal atitude foi em v o, pois ele acreditava que isso tivesse sido a o de algum feiticeiro e decide sair em busca de derrot -lo. Na música a época de batalhas dos heróis   marcado pela esta o do verão, quando o verão acaba, acabam-se também as batalhas, são lutas fracassadas e em v o.

Ya Basta!
O verão acabou
quando Durruti ficou sem muni o
e Guernica tornou-se a maldi o
que nem mesmo Che soube como controlar.

E quem vai pagar
agora que teu olhar s  mira ao céu
e teus lábios são tão frios criança...

Ao adjetivar o herói ideológico como criança, mais uma vez constatamos a ingenuidade das a es desse “eu” presente na música. E assim como na obra de Cervantes, mesmo derrotado “teu olhar s  mira o céu”, o herói não perde a sua ideologia de guerreiro, e decide mais uma vez sair em busca de batalhas, só que agora com a desmotiva o de uma pessoa desmotivada tanto pela literatura vigente quanto pelo cansaço das derrotas devido   superioridade de seus adversários. A época de desmotiva o da luta ideológica   marcada pela esta o da primavera, visto que na música a época de batalhas   marcada pelo verão.

Então escalei tanques em Pequim
e ainda assim não pude ver
se você estava ali na multidão.
Li todos versos de Brecht
e não encontrei mensagens e recados
pra fugir outra vez
ao quarto onde o grande irmão

não pode nos ouvir e
 nada mais importa, só você aqui
 enquanto a primavera arde
 por toda Paris.

O desfecho da composição nos levanta uma questão, assim como afirmou o seu autor, sobre o que é mais valioso: o ideal ou o que realmente fazemos, as decepções que as ações guiadas por uma ideologia próprias que pode nos distanciar da notoriedade do coletivo. Tudo acaba, e volta-se ao normal, e suas ações com relação ao ideal ficam “esquecidas ao chão”

São portões fechados
 que não te deixam entrar.
 Teus irmãos te trancaram pra fora
 e agora também jogam
 cartas com o diabo.
 E, você sabe,
 a noite os lobos saem pra jantar...

O monitor acende o nome,
 os jornais tem a sua foto
 e os intelectuais romantizam
 sobre dias que nunca verão.
 Os comitês votaram outro protesto,
 os estudantes voltaram,
 o feriado acabou
 e seu corpo ficou esquecido ao chão.

2.4 - Aplicações do Método e Resultados

A fim de complementar essa pesquisa, foi apresentada uma possível estratégia metodológica visando à inter-relação da obra de Cervantes com a música da banda paulista Dance of Days, com o intuito de que possa ser útil aos professores e conseqüentemente, venha incentivar os alunos à leitura literária de forma descontraída e prazerosa, não apenas no ambiente escolar, mas também fora dele. As aulas foram planejadas de acordo com as orientações didáticas do ensino literário e aplicadas no decorrer do segundo semestre do primeiro ano do ensino médio, o qual o professor trabalha o conteúdo relacionado ao Humanismo, mais especificamente as novelas de cavalaria, paralelamente ao material didático. A instituição na qual a metodologia foi aplicada, o material é apostilado e as apostilas não traziam conteúdos acerca da obra Dom Quixote, comprovando assim, a

fragmentação do conteúdo literário presente no material didático. Durante a convivência com os alunos, constatamos que a banda paulistana Dance of Days é de agrado coletivo, o que gerou interesse pela aula, bem como a reflexão da obra, possibilitando assim essa inter-relação entre as artes com o cotidiano do aluno nas aulas de literatura.

O conceito sobre as novelas de cavalaria da idade média foi apresentado através de uma aula demonstrativa, na qual foi exposta a obra Dom Quixote com o intuito de evidenciar os aspectos intertextuais entre a obra e as novelas de cavalaria, a intenção a qual foi escrita à obra e o que o personagem da narrativa representa dentro do contexto da época da escrita. Com isso os alunos foram estimulados a ler a obra, o que ocorreu de forma natural por parte deles. Posteriormente à leitura, a classe composta por onze alunos foi dividida em dois grupos, sendo um com cinco alunos e outro com seis. O primeiro grupo ficou encarregado de apresentar o contexto e suas impressões sobre a obra Dom Quixote, e o outro por apresentar a relação da personagem da narrativa com a decadência espanhola. Através de seminários os alunos foram convidados a exporem suas conclusões quanto ao trabalho, e também colocaram suas opiniões de forma direta, demonstrando interesse com relação ao assunto.

Após as apresentações dos alunos, na aula seguinte, o método de união entre música e literatura foi aplicado. Primeiramente foram distribuídos para cada aluno uma cópia da música “Nos Olhos de Guernica (Um Curto Verão Em La Mancha)”, posteriormente os alunos ouviram a música acompanhando a leitura da composição. Alguns alunos afirmaram conhecer a banda e a música, notamos que eles se sentiram a vontade e mostraram muito interesse e colaboração em tentar relacionar a letra com a obra literária. Novamente e através da escrita, os alunos responderam a um questionário sobre as marcas intertextuais entre a letra da música e a possível ligação com a obra literária Dom Quixote para complementação da possível eficácia metodológica, a qual acreditamos poder contribuir para um ensino de literatura menos massante e mecânico. Coletadas as informações, pudemos constatar que os comentários foram pertinentes à interpretação já pré-estabelecida, os alunos opinaram de forma que demonstraram interesse pelo assunto, tais comentários surgiram: “o cavaleiro errante é o próprio Dom Quixote”; “os heróis da ditadura tinham ações quixotescas”, entre outros. Os alunos fizeram uma avaliação do método utilizado que se encontra nos anexos, na qual

constatamos a relevância do método utilizado com relação à aprendizagem dos alunos. Cabe evidenciar algumas perguntas e respostas obtidas; o aluno “A” em resposta a pergunta: Seria possível relacionar uma música a uma poesia? Você acredita que o seu interesse de aprendizagem em Literatura se tornaria mais interessante se fosse ensinada em conjunto com música? Respondeu: “Sim, para mim musica é pura poesia, e as duas formam um par perfeito. Eu acho que se tornaria mais interessante minha aprendizagem em Literatura, porque nem todos gostam de poesia, mas todos gostam de música.” O aluno “B” respondeu: “Sim, porque só ler deixa os alunos desanimados e se tiver algo que agite a aula como a música, as aulas de literatura poderiam se tornar mais interessantes. Eu confesso que durmo nas aulas de literatura devido às leituras que me dão sono.”

Através dos resultados apresentados concluí-se, portanto, que o desinteresse e fracasso na aprendizagem de literatura estão relacionados com o método que as aulas são ministradas, como se pode observar nas respostas do questionário aplicado aos professores, que em sua maioria respondeu não saberem ligar o literário ao cotidiano assim contribuindo negativamente no desenvolvimento das aulas, o que acarreta desinteresse por parte do aluno. Como nas seguintes respostas para a questão “Como é feita a ponte entre a linguagem literária e o aluno?”. O professor “A” respondeu: “É feita através da leitura de clássicos literários propostos pelo professor em sala de aula.”. O professor “B” respondeu: “É feita através de análises literárias de poemas contidos na apostila, mas percebe-se claramente o desinteresse do aluno, não apenas com a poesia, mas também com a leitura.”. Para a questão: “O que você pensa do material didático oferecido para abordar a literatura? Em sua opinião, esse material apresenta um conteúdo que tende a ampliar ou restringir a abordagem da disciplina de literatura?”. O professor “A” respondeu: “São bons, pois são apresentados todos os conteúdos, de todas as classes literárias, uma por uma bem explicadas, que é uma das maiores exigências de nossos vestibulares.”. O professor “B” respondeu: “Eu acredito que são bons. Com relação ao ampliar ou restringir essa abordagem, acredito que amplia, pois cada classe é estudada especificamente e intensivamente, e quando necessário levo outras matérias para complementar o que está sendo estudado.”. Sendo assim, percebe-se claramente a tendência para um ensino de literatura abstrato, fragmentado e desvinculado da realidade do aluno que ainda se encontra representado por velhas metodologias de ensino, das quais, além de não incentivar

a criatividade no aluno, não proporcionam uma análise crítica dos textos e autores. Pode-se dizer, então, que o poder de sedução da literatura, que poderia contribuir para a formação do leitor geral, esvazia-se pelas distorções escolares e por velhas metodologias, acarretando uma influência negativa sobre os possíveis jovens leitores.

Afirmamos, no entanto, que o estudo literário por si só, tem desmotivado o aluno, mas quando combinado com outras estratégias como a relação intertextual com a música, pode recuperar o interesse do aluno devido a conexão com o seu cotidiano e desenvolver nele o pensamento crítico, conduzindo-o a desvendar por si só, o poder da literatura.

3 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura, enquanto produto cultural e social depende do modo como é ensinada pelos professores e, por extensão, principalmente pelos livros didáticos utilizados em sala de aula. Como afirma Zilberman, "de uma maneira ou de outra, eles se encarregam de orientar a ação docente em sala de aula" (1991, p.94), que muitas vezes convertem a leitura, que deveria ser um prazer, numa obrigação. O processo de ensino de literatura deve proporcionar ao aluno condições para que, mais que decorar termos, o aluno seja incentivado a criar e recriar discursos, desenvolvendo nele a habilidade de inferir significados interagindo com o texto, pois interpretar uma obra literária significa compreender a força comunicativa dos elementos linguísticos contextualizados, reconhecendo, distinguindo ou estabelecendo relações entre proposições apresentadas e, principalmente, assimilando sentidos, buscando a significação de um dado texto. Sendo assim, a natureza da comunicação pode ser problemática, pois o aluno deve caminhar em todas as direções na busca de pistas que possam trazer sentido à leitura. Em decorrência disso, o processo se torna muito mais estimulante e prazeroso para o aprendiz motivado especialmente ao se deparar com a combinação da música com o texto literário.

Após a análise do resultado da pesquisa com os professores, podemos elencar quatro fatores pertinentes quanto ao fracasso do ensino de literatura atual: separar língua/literatura, o uso exclusivo dos livros didáticos, falta de professores leitores e de uma metodologia de ensino sistematizada. O primeiro fator é o responsável pelas relações entre o ensino e aprendizagem, e sua ação perante o ensino de literatura visa à atividade mecânica e estereotipada da arte, não visando à reflexão do aluno diante de outros textos. O ensino tem por objetivo a assimilação e reprodução artificial dos conteúdos literários, o que acarreta o fracasso da aprendizagem, pois "raramente a escola se preocupa com a formação do leitor. Seu objetivo principal consiste principalmente na assimilação, pelo aluno, da tradição literária, patrimônio que ele recebe pronto e cujas qualidades e importância precisam aceitar e repetir" (ZILBERMAN, 1999, p.49).

O segundo fator são os livros didáticos, que em sua maioria apresentam fragmentos textuais que não correspondem ao conjunto temático da obra, de modo

que o aluno se concentra apenas no enunciado de determinada passagem, aumentando suas dificuldades para tomar a obra como um todo. Chamado a interpretar o texto literário de forma limitada e imediata, o aluno se vê diante de sérias dificuldades, pois necessitaria de uma leitura total de uma obra para analisá-la enquanto composição literária, com assunto, tema, contexto sócio-econômico e cultural, expressos através de propriedades internas, e que não podem ser apreendidas tão "resumidamente" e desestimulados de reflexão, visto a abrangência e as expectativas que um texto literário propõe.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de Literatura e Estética: a teoria do romance**. São Paulo: Hucitec, 1979.

BORDINI, Maria da Glória: **A formação do Leitor. Alternativas Metodológicas**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

_____. **Guia de Leitura para alunos de 1º e 2º graus**. Centro de Pesquisas Literárias. Porto Alegre: PUCRS/Cortez, 1989.

BRASIL, Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio**. Brasília: Ministério da Educação, 1999.

BRESCIA, Vera Lucia Pessagno. **Educação Musical: Bases psicológicas e Ação Preventiva**. São Paulo: Átomo, 2003.

CERVANTES, Miguel de. **Dom Quixote de La Mancha**. São Paulo: Ática, 1998.

DANCE of Days. Nos Olhos de Guernica (Um Breve Verão em La Mancha). Fábio “Nenê” Altro [Compositor]. In _____. **Coração de Tróia**. São Paulo: Teenager In a Box Records, 2002. 1 CD (ca. 42min 24s). Faixa 2 (2min 27s).

FIORIN, José Luís, SAVIOLI, Francisco Platão. **Para entender o texto: leitura e redação**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1998.

GAINZA, Violeta Hemsy de. **Estudos de Psicopedagogia Musical**. 3 ed São Paulo: Summus, 1988.

KOCH, Ingridore Greinfeld Villaca. **Desvendando os Segredos do Texto**. São Paulo: Cortez, 1998.

KRISTEVA, J. **Recherches pour une sémanalyse**. Paris: Seuil, 1969.

MARTINS, M.H. **Encruzilhada de Leituras. Espaços da Linguagem na Educação**: São Paulo: Ática, 1999.

PAULINO, Graça Cury. **Intertextualidade: teoria e prática**. Belo Horizonte: Lê, 1995.

SÃO PAULO

PERRONE, Leila Moisés. **Texto, crítica, escritura**. São Paulo: Ática, 1978. (Ensaaios, 45).

SANT'ANNA, Affonso Romano de. **Paródia, paráfrase e Cia**. 7. ed. São Paulo: 2001 (Série Princípios1).

SÃO PAULO, Ministério da Educação. **Proposta Curricular: Ensino Médio**. São Paulo: Ministério da Educação, 2008.

TATIT, Luiz. **Musicando a Semiótica**. São Paulo: Annablume, 2002.

_____. **O século da Canção**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

WALTY, Ivete Lara Camargo. **Diálogo entre textos. Intermédio**. Vol. 11 – Ceale Formato, 1996.

ZILBERMAN, Regina. **A Leitura e o ensino da Literatura**. São Paulo: Contexto, 1991.

_____. **Estética da recepção e história da literatura**. São Paulo: Ática, 1989. (Série Fundamentos).

ANEXOS

ANEXO A – Amostra de entrevistas realizada com os professores do ensino médio.

ANEXO B – Amostra de entrevistas com alunos do ensino médio.